

EUA: uma política externa militarizada



Por **VÁRIOS AUTORES***

Artigo publicado na primeira página do “New York Times”, assinado por quinze especialistas em segurança reunidos pela “Eisenhower Media Network”

A Guerra Rússia-Ucrânia é um desastre absoluto. Centenas de milhares de pessoas foram mortos ou feridos. Milhões foram deslocadas. A destruição ambiental e econômica tem sido incalculável. A devastação futura pode ser ainda maior à medida que as potências nucleares se aproximam cada vez mais da guerra aberta.

Lamentamos a violência, os crimes de guerra, os ataques indiscriminados com mísseis, o terrorismo e outras atrocidades que fazem parte desta guerra. A solução para essa violência chocante não é mais armas ou mais guerra, com a garantia de mais mortes e destruição.

Como americanos e especialistas em segurança nacional, instamos o presidente Joe Biden e o Congresso a usar de seus poderes para encerrar a Guerra Rússia-Ucrânia rapidamente, por meio da diplomacia, principalmente por conta dos graves perigos de uma escalada militar que pode sair do controle.

Sessenta anos atrás, o presidente John F. Kennedy fez uma observação que é crucial para a nossa sobrevivência hoje: “Acima de tudo, enquanto defendemos nossos próprios interesses vitais, as potências nucleares devem evitar os confrontos que levam o adversário a escolher entre uma retirada humilhante ou uma guerra nuclear. Adotar esse movimento na era nuclear evidencia apenas a falência de nossa política – ou o desejo coletivo de morte para o mundo”.

A causa imediata desta guerra desastrosa na Ucrânia é a invasão da Rússia. No entanto, os planos e ações para expandir a OTAN para as fronteiras da Rússia serviram para provocar os temores russos. Os líderes russos defenderam esse ponto por 30 anos. Uma falha na diplomacia levou à guerra. Agora a diplomacia é urgentemente necessária para acabar com a Guerra Rússia-Ucrânia antes que ela destrua a Ucrânia e coloque a humanidade em perigo.

O potencial para a paz

A atual ansiedade geopolítica da Rússia é informada pelas memórias das invasões de Carlos XII, Napoleão, Kaiser e Hitler. As tropas dos EUA participaram da força de invasão aliada que interveio sem sucesso contra o lado vencedor na guerra civil na Rússia logo após a Primeira Guerra Mundial. A Rússia vê o alargamento e a presença da OTAN nas suas fronteiras como uma ameaça direta; os EUA e a OTAN consideram que se trata apenas de uma preparação prudente. Na diplomacia, deve-se procurar ver com empatia estratégica, buscando compreender os adversários. Isso não é fraqueza: é sabedoria.

Rejeitamos a ideia de que os diplomatas, em busca da paz, devam escolher um lado, neste caso, a Rússia ou a Ucrânia. Ao favorecer a diplomacia, escolhemos o lado da sanidade. Da humanidade. Da paz.

Consideramos a promessa do presidente Joe Biden de apoiar a Ucrânia [“pelo tempo que for necessário”](#) uma licença para perseguir objetivos mal definidos e, em última análise, inatingíveis. Pode ser tão catastrófico quanto foi a decisão do presidente Vladimir Putin no ano passado de lançar essa invasão e ocupação criminosas. Não podemos e não iremos endossar a estratégia de lutar contra a Rússia até o último ucraniano.

Defendemos um compromisso significativo e genuíno com a diplomacia, especificamente um cessar-fogo imediato e negociações sem quaisquer pré-condições desqualificantes ou proibitivas. Provocações deliberadas resultaram na Guerra Rússia-Ucrânia. Da mesma forma, a diplomacia pode acabar com isso.

Ações dos EUA e invasão da Ucrânia pela Rússia

Com o colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria, os líderes dos Estados Unidos e da Europa Ocidental [garantiram aos](#) líderes soviéticos e russos que a OTAN [não se](#) expandiria em direção às fronteiras da Rússia. [“Não haveria extensão da OTAN uma polegada a leste”](#), disse o secretário de Estado dos EUA, James Baker, ao líder soviético Mikhail Gorbachev em 9 de fevereiro de 1990. Garantias semelhantes de outros líderes dos EUA, bem como de líderes britânicos, alemães e franceses foram dadas na década de 1990.

Desde 2007, a Rússia advertiu repetidamente que a presença das forças armadas da OTAN nas fronteiras russas era intolerável – assim como as forças russas no México ou no Canadá seriam intoleráveis para os EUA agora, ou como foram os mísseis soviéticos em Cuba em 1962. A Rússia destacou ainda que a expansão da OTAN para a Ucrânia era especialmente provocativa.

Vendo a guerra pelos olhos da Rússia

Nossa tentativa de entender a perspectiva russa em sua guerra não endossa a invasão e a ocupação, nem implica que os russos não tiveram outra opção a não ser esta guerra. Entretanto, assim como a Rússia tinha outras opções, os EUA e a OTAN também tinham antes desse momento.

Os russos deixaram claras suas linhas vermelhas. Na Geórgia e na Síria, eles provaram que usariam a força para defender essas linhas. Em 2014, sua tomada imediata da Crimeia e seu apoio aos separatistas de Donbas demonstraram que eles estavam comprometidos com a defesa de seus interesses. Por que isso não foi entendido pela liderança dos EUA e da OTAN não está claro: incompetência, arrogância, cinismo ou uma mistura traiçoeira dos três provavelmente foram os fatores decisivos.

Mais de uma vez, mesmo com o fim da Guerra Fria, os diplomatas, generais e políticos dos EUA alertaram [para](#) os riscos de expandir a OTAN para as fronteiras da Rússia e de interferir em sua área de influência. Os ex-funcionários do gabinete Robert Gates e William Perry emitiram essas advertências, assim como os venerados diplomatas George Kennan, Jack Matlock e Henry Kissinger. Em 1997, cinquenta especialistas seniores em política externa dos EUA escreveram uma carta aberta ao presidente Bill Clinton aconselhando-o a não expandir a OTAN, chamando-o de [“um equívoco político de proporções históricas”](#). O presidente Bill Clinton optou por ignorar esses avisos.

O mais importante para nossa compreensão da arrogância e do cálculo maquiavélico na tomada de decisões dos EUA em torno da Guerra Rússia-Ucrânia é a rejeição das advertências emitidas por Williams Burns, o atual diretor da Agência Central de Inteligência. Em um telegrama para a secretária de Estado Condoleezza Rice em 2008, enquanto servia como embaixador na Rússia, Burns [escreveu](#) o seguinte sobre a expansão da OTAN e a adesão da Ucrânia: “As aspirações da Ucrânia e da Geórgia à OTAN não apenas tocam um ponto sensível na Rússia, como também geram sérias preocupações sobre as consequências para a estabilidade na região. A Rússia não apenas percebe o cerco e os esforços para minar a

a terra é redonda

influência da Rússia na região, mas também teme consequências imprevisíveis e descontroladas que afetariam seriamente os interesses de segurança russos. Especialistas nos dizem que a Rússia está particularmente preocupada que as fortes divisões na Ucrânia sobre a adesão à OTAN, com grande parte da comunidade de etnia russa contra a adesão, possam levar a uma grande divisão, envolvendo violência ou, na pior das hipóteses, guerra civil. Nessa eventualidade, a Rússia teria que decidir se iria intervir; uma decisão que a Rússia não quer ter que enfrentar”.

Por que os EUA persistiram em expandir a OTAN, apesar dessas advertências? O lucro das vendas de armas foi um fator importante. Enfrentando a oposição à expansão da OTAN, um grupo de neoconservadores e altos executivos de fabricantes de armas dos EUA [formaram](#) o “Comitê dos EUA para Expandir a OTAN”. Entre 1996 e 1998, os maiores fabricantes de armas [gastaram](#) US\$ 51 milhões (US\$ 94 milhões hoje) em *lobby* e outros milhões em contribuições de campanha. Com esta generosidade, a expansão da OTAN rapidamente se tornou um negócio lucrativo. Os fabricantes de armas dos EUA [venderam](#) bilhões de dólares em armas aos novos membros da OTAN.

Até agora, os EUA [enviaram](#) US\$ 30 bilhões em equipamentos militares e armas para a Ucrânia, com uma ajuda total à Ucrânia superior a US\$ 100 bilhões. A guerra, já foi dito, é altamente lucrativa para alguns poucos.

A expansão da OTAN, em suma, é uma característica fundamental da política externa militarizada dos EUA, caracterizada pelo unilateralismo com mudanças de regimes políticos e guerras preventivas. Guerras fracassadas, mais recentemente no Iraque e no Afeganistão, produziram massacres e mais confrontos, uma dura realidade criada pelos próprios Estados Unidos. A Guerra Rússia-Ucrânia abriu uma nova arena de confronto e matança. Esta realidade não é inteiramente de nossa autoria, mas pode muito bem ser nossa ruína, a menos que nos dediquemos a forjar um acordo diplomático que interrompa a matança e diminua as tensões.

Vamos fazer da América uma força para a paz no mundo.

***Dennis Fritz** é diretor da Eisenhower Media Network. Sargento Chefe do Comando da Força Aérea dos EUA (aposentado).

***Matthew Hoh** é diretor associado da Eisenhower Media Network. Ex-oficial do Corpo de Fuzileiros Navais e oficial do Estado e da Defesa.

***William J. Astore** é tenente-coronel da Força Aérea dos EUA (aposentado).

***Karen Kwiatkowski** é tenente-coronel da Força Aérea dos EUA (aposentado).

***Dennis Laich** é major-general do Exército dos EUA (aposentado).

***Jack Matlock**, embaixador dos EUA na URSS, 1987-91, é autor do livro Reagan e Gorbachev: Como acabou a Guerra Fria.

***Todd E. Pierce** é Major, Juiz Advogado, Exército dos EUA (aposentado).

***Coleen Rowley** é Agente Especial, FBI (aposentado).

***Jeffrey Sachs**, é professor na Universidade de Columbia.

***Christian Sorensen**, é especialista em língua árabe.

***Chuck Spinney** é membro da Força Aérea dos EUA, Engenheiro/analista aposentado no Gabinete do Secretário de Defesa.

a terra é redonda

***Winslow Wheeler**, *conselheiro de segurança nacional de quatro estados republicanos e democratas.*

***Lawrence B. Wilkerson** *é Coronel do Exército dos EUA (aposentada).*

***Ann Wright** *é Coronel do Exército dos EUA (aposentada) e ex-diplomata.*

Tradução: **Benito Mazzi de Araújo.**

Publicado originalmente em *Eisenhower Media Network* [<https://eisenhowermedianetwork.org/russia-ukraine-war-peace/>].

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA